

**INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO  
ESCOLAS DOM BOSCO  
CACHOEIRA DO CAMPO  
BRASIL – MG.**

**20/04/84**

A Comunidade Salesiana de Cachoeira do Campo, pela presente carta, comunica aos prezados irmãos desta e das demais inspetorias, bem como a todos os amigos, que no dia 20 de março do corrente ano, 1984, às 22 horas, nos deixou, partindo para a casa do Pai, o nosso estimado irmão



**P. E. EMÍLIO BERTOLDERO**

Pe. Emílio nasceu em NOVENTA DI PIAVE (Veneza), Itália, no dia vinte de outubro de 1921. Foram seus pais Henrique Bertoldero e Carolina Santin, que no dia seis de novembro o levaram à pia batismal. Nascido para o mundo e para Deus, cresceu sadio de alma e corpo. Pelo fruto se conhece a árvore (Mt. 7,16). Quem conviveu com o Padre Emílio, e sentiu seu intenso ardor apostólico, seu dinamismo incansável, poderá ter uma idéia bastante clara do saudável ambiente em que viveu sua infância. A julgar por tudo o que vimos e ouvimos, concluímos que ele viveu sua meninice em um lar sadio, de intensa vida cristã e amor acentuado ao trabalho. Todos constatamos que a semente plantada pelos pais, caiu em terra muito fértil. A colheita se aproximou dos 100%, a graça do Senhor cooperando.

Fez os primeiros estudos no colégio dos Carmelitas Descalços, em Adro (Brescia). Adulto, trazendo grande bagagem de experiências e méritos, sentiu o chamado de Deus para a vida religiosa. Não teve dúvidas na escolha. A trilha estava luminosa à sua frente. A vida salesiana o atraía. No dia 12/10/1940 entrou para o colégio salesiano de Gorizia, como Filho de Maria. Foram três anos de estudos sérios, em preparação para o noviciado que fez em Este (Pádoa), no período de 1943/1944, consagrando-se a Deus na Congregação Salesiana no dia 16/08/1944, pela primeira profissão. O espírito missionário despontou cedo. Apenas terminado o curso de filosofia em Nove (Brescia), no Instituto Santo Tomás de Aquino, foi destinado como missionário para o Brasil, chegando a Jaboatão (PE) em fins de 1947. Lembram alguns seus colegas de viagem: — viajamos em 3ª classe, na qualidade de migrantes pobres, sem um mínimo de conforto. Tudo era medido. Até o vasilhame para o café da manhã, que era distribuído em filas. Os canecos, uns poucos para todos, passavam de mão em mão. Devido seu jeito todo especial, alegre e brincalhão, Emílio foi o centro da alegria que amenizou um pouco a aspereza da viagem. — Em Jaboatão fez o tirocínio prático. Em 31/01/50 fez sua consagração definitiva a Deus com a profissão perpétua. Dias depois seguia para São Paulo, para o Instituto Pio XI. Muitas testemunhas, colegas seus, poderiam prestar valioso depoimento sobre a maneira digna como conduziu seus estudos de teologia. Caracterizou-o o senso de responsabilidade, a sua alegria contagiante e o seu fervor incomum. Sua bela voz abrihantava as celebrações litúrgicas e alegrava nossas recreações. Com ele convivi ali três anos. Dou testemunho do que vi. Com aquela vibração e entusiasmo, característicos do seu gênio, viu chegar o grande dia da sua Ordenação Sacerdotal, oito de dezembro de 1953. O eloqüente cenário da cerimônia foi o grandioso Santuário do Coração de Jesus. O Celebrante e o Presidente da solene assembléia, foi o irmão e amigo, Dom João Resende Costa.

Começou então a nova etapa da vida, com a qual sonhara durante tantos anos. Dominado por um coração profundamente missionário, viveu intensamente, até o último momento, o seu Sacerdócio. Foi mesmo um "Sacerdote segundo o coração de Deus". Por onde passou, deixou marca indelével do seu sacerdócio. Foi confessor, professor, vigário, capelão. Porto Velho, Acesoita, Paraguaçu, Jaciguá, Brasília, Pará de Minas, São José dos Campos, Venda Nova e Cachoeira do Campo. Formam a larga estrada da sua caminhada. E não se sabe onde foi mais profundo o sulco. Esta casa de Cachoeira do Campo teve o privilégio de se beneficiar do seu apostolado em dois períodos: 1968/1970 e 1982/1984. Sua longa estadia em Venda Nova (1972/1981), onde não poupou esforços nem saúde, creio, deixou no povo a melhor lembrança que se pode guardar de um sacerdote: "homem do trabalho. Homem de Deus". Ali será eterna a sua memória, e imorredoura a gratidão do povo. A galeria dos que honram esta hospitaleira cidade, se enriqueceu com a figura mar-

cante do Pe. Emílio. Realmente cansado e de saúde decadente, foi transferido para estas ESCOLAS DOM BOSCO, de Cachoeira do Campo, onde chegou no dia 23/02/82. O seu descanso, para isso aqui viera, consistiu em atender com o entusiasmo de sempre, a paróquia de Nossa Senhora de Nazaré e as numerosas capelas que solicitavam sua presença. Embora reclamando da "desorganização" implantada pelo Padre Jacy Cogo, então vigário e diretor, nunca se recusou a prestar assistência fervorosa onde quer que o chamassem. Sua saúde exigiu atenção especial em abril do ano passado. Foi quando se submeteu a melindrosa intervenção cirúrgica que resultou no marca-passo, levando-o a dizer-se "o homem de dois corações". Isso não foi suficiente para superar a crise daquela noite de 20 de março. O desenlace aconteceu assim: Faltavam dez minutos para as 22 horas. Sozinho, na sala de TV, assistia a um programa de Jota Silvestre, sobre o qual alguém lhe pedia informações. "Preciso assistir ao programa para responder as perguntas que me foram feitas", disse ele momentos antes, ao nosso irmão Luiz Alves. Contrariando meus costumes, sentei-me ao seu lado. Comentávamos o programa. Às 22 horas calou-se. Cabeça inclinada sobre o ombro esquerdo. Fiz o que me foi possível. Vãos os meus esforços. Chamei imediatamente nosso ecônomo, o Pe. Aristeu Meirelles. Mas, pouco tínhamos a fazer. Às 22:10 horas estava ao seu lado o Dr. Paulo, do posto de saúde, constatando a dura realidade. Pe. Emílio estava morto. Parada cardíaca. Salesianos, funcionários e amigos velaram o seu corpo na capela da casa de retiros.

Às oito horas (do dia 21), reunidos os alunos na capela, foi celebrada a Missa, intensamente participada, apesar das comoventes lágrimas dos internos que perdiam o seu confessor e amigo. Grande número de amigos, desta paróquia e capelas vizinhas, bem como muitos salesianos de Ponte Nova, Belo Horizonte e Barbacena, vieram prestar sua homenagem ao ilustre filho de Dom Bosco. O Pe. Décio Zandonade, inspetor em exercício, chegou cedo. O movimento de fiéis e alunos foi contínuo, até às 15 horas. Às 15 horas chegou S. Excia. o Sr. Dom Oscar de Oliveira, DD. Arcebispo de Mariana. Em seguida, com grande acompanhamento, transportamos para a histórica Matriz de Nossa Senhora de Nazaré o nosso querido irmão. Aí, às 16 horas foi celebrada a Santa Missa por S. Excia. acompanhado por três dezenas de sacerdotes salesianos e seculares. A Igreja foi literalmente tomada pelos alunos e fiéis. Fé, Esperança e Saudade espelhavam em cada rosto. À homilia, S. Excia. usou palavras comoventes, referindo-se ao "padre trabalhador e santo", apontando-o como sacerdote intensamente preocupado com a salvação das almas. Falou também o Padre Décio Zandonade, fundamentando suas palavras no belo discurso com que o Padre Emílio se despediu do povo de Venda Nova, quando de sua transferência para Cachoeira do Campo em 1982. A solene e comovente cerimônia foi toda gravada pelo SSV como homenagem também aos seus irmãos e parentes, da Itália,

aos quais enviamos os nossos sentimentos de pesar. Hoje o Pe. Emílio Bertoldero descansa no pobre cemitério de Cachoeira do Campo, entre outros irmãos que o precederam.

Padre Emílio estava preparado. No dia 4 de março, domingo de carnaval, pelas 16 horas retornava de Santa Rita de Ouro Preto, onde estivera em serviço apostólico. Queixando-se de intensas dores, foi levado ao hospital de Itabirito, onde se constatou o começo de Angina Pectoris. Retornou à noite, bem disposto, com prescrição de repouso absoluto. Nesta mesma noite pediu a presença do Pe. Monteiro – sacramentino de Belo Horizonte – que pregava retiro aos vicentinos aqui reunidos. Foi além de uma hora a conversa. No final, muito alegre, dizia estar pronto para a morte. E isso ele repetiu muitas vezes nos dias seguintes. Recuperado, já no dia 17 retornou a Santa Rita para a festa de São José. As confissões se prolongaram até meia noite. No dia seguinte entregou-se de corpo e alma ao programa da festa. Retornando ao colégio já ao anoitecer, sentia-se feliz pelo intenso trabalho realizado. Apesar do cansaço, quis no dia seguinte, dia 19, estar presente à sagração episcopal de seu amigo Dom Francisco Barroso, novo bispo de Oliveira. Passou bem o dia 20, até às 22 horas, quando partiu...

Procurei até aqui transmitir algumas notícias sobre o nosso irmão. O que segue são testemunhos de pessoas que o conheceram com bastante profundidade porque com ele conviveram. É a verdade sobre o Padre Emílio, o homem justo e o virtuoso sacerdote que soube honrar a Família de Dom Bosco.

De Jaciguá (ES), onde trabalhou nos anos de 61/62, o Pe. Oscar nos manda o seguinte testemunho, "vox Populi":

1. Dedicção e grande preocupação com os doentes. Visitava-os quotidianamente. Andando quase sempre a pé, e com o terço na mão.

2. Em todo sermão falava de Nossa Senhora: "Depois que o mundo se afastou de Deus, Deus Pai nada fez sem Nossa Senhora. E nós, que podemos fazer sem ela?"

3. Era nervoso. Sentiu de perto as agruras da guerra, quando seu noviciado se transformou em hospital de sangue. Carregava os achaques da neurose. Afobado, agitado, tinha grande preocupação com a Igreja.

4. Dedicava atenção e respeito muito grandes ao Sr. Bispo.

5. Era dotado de voz esplêndida. As missas cantadas eram um primor.

6. O povo guarda dele esta imagem: um homem verdadeiramente apostólico, batalhador, incansável. Advertido de que devia descansar, respondia: "um dia tenho que morrer mesmo. Então vou trabalhar enquanto puder." (Pe. Oscar de Faria – 22/03/84).

De Silvânia nos escreve o Padre Cleto I que conviveu com ele durante oito anos em Venda Nova (ES): "...Padre Emílio foi figura de proa sacerdotal e humana... Sempre solícito, em estado de quase perene angústia, era todo para todos. Foi o "Vir Justus in quo non est dolus". Incapaz de dizer não a quem lhe pedisse ajuda. Sacrificou-se até o heroísmo, onde a dor, os problemas, os doentes, a família enlutada, o hospital, as capelas, pediam sua presença. Venda Nova recordará sempre no Padre Emílio, o sacerdote zeloso, firme, intransigente até, na preservação moral da família, no aprimoramento dos lares. Quantos cursos, encontros, idas ao Sr. Bispo, catequese, passeios. Tudo para que Venda Nova, capelas, e onde sua presença se fazia sentir, não perdessem o élan de um cristianismo sadio, embora conservador às vezes. Todos sabemos do temperamento sôfrego, impetuoso, quando não imprevisível, de nosso Pe. Emílio. Do céu, deve agora achar graça das inúmeras peripécias porque passou e nos fez passar...

Resoluto em tudo o que fazia, com o Pe. Emílio era "sim, sim; não, não; pão, pão; queijo, queijo". A par de sua característica do "Zelus domus tuae comedit me", o Pe. Emílio era ao mesmo tempo deliciosamente afável, brincalhão, risonho. Como eram gostosas suas risadas. Proverbial o seu "Sì, sì; caro". Mas, de repente, no céu puro, límpido do seu subconsciente, nuvens se adensavam, e, tempestade ou ao menos trovoadas, revolviam aquela alma de santo e de homem... Ao despedir-se de Venda Nova, em fevereiro de 1982, após 11 anos de permanência naquela comunidade, Pe. Emílio pediu humildemente perdão a nós todos, salesianos e paroquianos. Gesto bonito, recheado de Santidade". (Pe. Cleto I – carta de 08/04/1984).

Dom Luís Gonzaga Peluso – (Bispo de Cachoeiro de Itapemirim), em 23 de abril de 1976, escrevia ao Pe. Cleto: "Eu lhe disse (ao Pe. Emílio) que Deus estava querendo, por meio dele, preparar o ambiente e o espírito da futura paróquia (de Venda Nova). Ele, Emílio, com seu temperamento fogoso, com seu zelo, com sua imensa caridade para com todos, era o homem da hora, como eu espero que seja ainda, o homem do amanhã para Venda Nova".

Do Padre Jacy Cogo (Manaus) que, como diretor desta obra de Cachoeira do Campo, conviveu com ele os anos de 1982/83: "...Apesar de seu caráter irruente e às vezes até agressivo, Pe. Emílio era uma alma impregnada de Deus e de amor à Igreja. Sempre atualizado em todos os problemas abertos, mantinha uma fidelidade a toda prova aos ensinamentos da Igreja e à sua tradição. Lucrei demais convivendo com ele; invejava seu zelo e dedicação no trabalho pastoral, e sua prontidão em atender aos pedidos do povo..." (carta de 21/03/84).

Ainda o Padre Jacy: "...Emílio, mesmo fazendo você sofrer com meus imprevistos, sempre vi em você o padre padre mesmo, sem tergiversações. A um tempo impregnado de profundo amor à Congregação e imbuído do sentido de renovação, de engajamento, de novos rumos. Sempre invejei você de terço na mão, lendo o Osservatore, todos os documentos da Igreja... Gostaria de ser como você, segurando com u'a mão seu já combalido coração, e com a outra, distribuindo-o nos múltiplos empenhos do seu zelo sacerdotal. Aquele marca-passo nunca conseguiu marcar os passos longos do seu zelo sacerdotal. Emílio, agora tudo começou para você. Coma agora tranqüilo a brôa eterna na companhia do Pai, sem precisar controlar a receita do médico. Goze aí, Emílio, seu sábado eterno, 'cujus finis non erit finis'... Aí 'ipse Deus erit locus tuus'. Cante, Emílio, no seu tenor estridente, os louvores de Deus a quem você se deu todo. Aí a sua Missa de todos os dias virou Missa eterna com a presença total de Deus, 'sicut est'... Arranje um lugar aí para nós, Emílio, porque nós também queremos que não seja digno de nós este mundo que não foi digno de você" (24/03/84).

Do Pe. Décio Zandonade (Belo Horizonte): "Seu amor à Igreja, — ao Papa, ao Bispo, ao povo de Deus — fazia-o insaciável e incansável. Diria até que chegou ao escrúpulo no cumprimento do seu ministério sacerdotal, no temor de não ter sido suficientemente zeloso pela causa de Deus. Homem da verdade, da bondade, da misericórdia, do acolhimento... Verdadeiramente homem de Deus... Eloqüente e vigoroso pregador. Nele falava a palavra de Deus, meditada, mastigada, vivida. Dele brotava uma doutrina suculenta, nutrida. Pregava oportunamente e inoportunamente... O que o fazia feliz? Ver seu povo aproximar-se de Deus, conseguir reanimar um casal desajustado, pregar a palavra de Deus, entrar em contato com uma família numerosa e temente a Deus. Quando tal acontecia, vibrava intensamente seu coração, e prorrompia em louvores a Deus... O que mais o entristecia? O pecado, a injustiça feita aos pobres, a ganância, a dubiedade de alguns religiosos e sacerdotes que se vendiam aos interesses políticos em troca de favores. Todo de Deus; todo para seu povo. Um verdadeiro profeta de nosso tempo. Nele transparecia a face de Deus verdadeiro. Transferido para nossa casa de Cachoeira do Campo a fim de descansar e recuperar-se em sua saúde, um pouco abalada, procurou ocupar o máximo de seu tempo... Nesse tempo, sobretudo rezava muito. Munido de seu bastão, fazia longas caminhadas pelos campos de Cachoeira do Campo, rezando seu rosário e meditando a Palavra do Senhor. Algumas vezes acompanhava o amigo, Pe. Geraldo Azevedo, e iam os dois comentando assuntos de fé, da sociedade, da própria vida pessoal. Alimentava com seu vozeirão a conversa à mesa. Quase sempre eram animadas as discussões sobre assuntos de teologia ou suas experiências pastorais na zona rural. Sonoras gargalha-

das preenchiem de espírito de família todo o ambiente" (25/04/84).

Prezados irmãos, as coisas edificantes que vimos em nosso irmão, e a riqueza dos depoimentos citados, estão espelhados com muita simplicidade nas palavras de despedida, quando de Venda Nova (ES) se transferiu para Cachoeira do Campo em fevereiro de 1982. Alguns tópicos de seu discurso edificam e comovem. Vejamos: "...Alguns me exaltaram até o céu, outros me condenaram ao inferno; quanto a mim, contento-me em ficar no purgatório, pois estou confiante que chegarei até Deus. Tudo o que foi realizado foi dom de Deus e colaboração generosa da comunidade. Saúdo a todos, peço perdão a todos, bem como a todos perdão de coração, e assim poderemos rezar juntos e bem o PAI NOS-SO. Quero neste momento, saudar e agradecer o nosso bispo, Dom Luiz que, com sua clarividência e prudência, sempre me aconselhou e animou nos freqüentes encontros para a solução dos problemas paroquiais. Foi o amigo certo nas horas incertas. Na Pastoral Paroquial adotei o lema do grande bispo e mártir de Antioquia: "Nihil sine episcopo". Isto é: "Nada sem o bispo". E foi o que me valeu. Muito obrigado, Dom Luiz; desculpe as limitações e erros da gente. Reze por mim. Aos irmãos presentes recomendo: conservar, defender e difundir a fé que os antepassados implantaram, promovendo a evangelização e a formação das famílias cristãs, segundo o plano de Deus, e valorizando e realizando as vocações sacerdotais, religiosas e missionárias. Para isso, promovam a vida eucarística, uma filial devoção a Nossa Senhora e um grande amor à Igreja, concretizado no amor e obediência ao Papa, ao Bispo e ao Vigário. E termino: Se um dia quiserem escrever algo na campa de meu sepulcro, escrevam isto: 'DILEXIT ECLESIAM', isto é, 'AMOU A IGREJA' " (17/01/1982).

Em duas palavras, o resumo da vida íntima do nosso Padre Emílio Bertoldero: DILEXIT ECLESIAM.

Pe. Diniz J. da Silva  
Diretor

#### DADOS:

PE. EMÍLIO BERTOLDERO  
20/10/1921 em Noventa di Piave/Itália  
20/03/1984 em Cachoeira do Campo/Brasil  
62 anos de idade  
40 anos de profissão religiosa  
31 anos de sacerdócio

